

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

EUA aprovam medida que limita ação militar no Irã

Trump avaliou votação na Câmara dos Representantes como sem sentido

/ ORIENTE MÉDIO

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou uma resolução de poderes de guerra destinada a interromper a ação militar norte-americana contra o Irã, em um revés político ao presidente Donald Trump. A medida foi aprovada por 215 votos a 208, com apoio de quatro republicanos que se juntaram aos democratas, apesar de o presidente afirmar que o Congresso tenta limitar sua atuação “no meio das negociações finais” para encerrar o conflito.

O texto ainda precisa passar pelo Senado e enfrenta incertezas quanto à sua efetividade, já que Trump deve vetar qualquer tentativa do Congresso de restringir sua autoridade como comandante em chefe das Forças Armadas. Ainda assim, a votação representa um sinal do crescente descon-

forto no Congresso com o conflito, iniciado há três meses.

Em publicação na Truth Social na manhã desta quinta-feira, Trump classificou a votação como “sem sentido” e criticou os quatro republicanos que apoiaram a medida. Segundo ele, os parlamentares agiram “no meio das negociações finais” para encerrar a guerra com o Irã. O presidente afirmou ainda que os democratas são movidos pela “Síndrome de Perturbação por Trump” e acusou os republicanos dissidentes de buscarem apenas “holofotes”.

A votação ocorre em meio à ampliação das críticas à estratégia da Casa Branca no Oriente Médio. Trump havia feito campanha prometendo reduzir o envolvimento dos EUA em conflitos externos, mas a guerra com o Irã recolocou a região no centro da política externa americana.

Desde que os EUA se juntaram a Israel nos ataques contra o Irã em 28 de fevereiro, o conflito provocou turbulências nos mercados de energia. Teerã tem conseguido interromper parcialmente a navegação no Estreito de Ormuz.

O presidente da Câmara, Mike Johnson, afirmou que Trump está trabalhando com aliados para reabrir plenamente a passagem marítima e retomar o fluxo comercial. Embora um cessar-fogo tenha sido anunciado em abril, os confrontos e as negociações para um acordo duradouro seguem instáveis.

Durante audiência na Câmara, o secretário de Estado, Marco Rubio, criticou a resolução. Segundo ele, sua aprovação poderia levar os iranianos a concluir que as “mãos do governo estarão atadas”, reduzindo os incentivos para um acordo diplomático.

Presidente do Líbano fala em cessar-fogo com Israel em 24 horas

O presidente do Líbano, Joseph Aoun, afirmou que a implementação de um cessar-fogo entre Israel e o grupo Hezbollah poderá começar em até 24 horas após a aprovação final do acordo. Em declarações divulgadas pela emissora libanesa MTV, Aoun disse que as partes ainda aguardam respostas e garantias sobre o cumprimento dos termos do entendimento.

Segundo o presidente, as negociações enfrentaram dificuldades significativas nos últimos dias. “As negociações de ontem foram muito difíceis”, afirmou. Aoun revelou ainda que o chefe da delegação libanesa, Simon Karam, chegou a suspender as conversas, que só foram retomadas após intervenção do secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio.

Enquanto Beirute sinaliza proximidade de um acordo, autoridades iranianas adotaram um tom mais cauteloso. O ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, declarou que “não hou-

ve nenhum progresso concreto no processo de negociações”, embora tenha confirmado a continuidade da troca de mensagens com os EUA sobre a necessidade de interromper os ataques israelenses contra a capital libanesa.

Araghchi afirmou que o retorno às negociações depende da garantia dos direitos do povo iraniano, do fim da guerra no Líbano e da redução das tensões regionais. O chanceler também advertiu que, caso os ataques contra Beirute continuem, as Forças Armadas iranianas estariam preparadas para “retomar a guerra e atingir alvos dentro de Israel”. Em mais uma declaração em defesa do Hezbollah, o comandante da Força Quds, braço externo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), Esmail Qaani, disse que apoiar a “resistência” libanesa é um dever. “A exigência mínima da resistência é que o regime ocupante recue para a posição que ocupava antes do início da guerra de 40 dias”, afirmou.

Ucrânia bombardeia territórios controlados pela Rússia

/ GUERRA DA UCRÂNIA

A Ucrânia intensificou os ataques aéreos contra territórios controlados pela Rússia e atingiu alvos na Crimeia e em São Petersburgo. Foram registradas três mortes na Crimeia nesta quinta-feira, segundo autoridades russas. Um bombardeio ucraniano contra a Crimeia matou três pessoas e feriu sete. O chefe da península anexada por Moscou, Sergey Aksyonov, afirma que o ataque atingiu prédios não residenciais em Simferopol.

As defesas aéreas da Rússia interceptaram mais de 20 drones

em Sebastopol. O governador local, Mikhail Razvozhayev, diz que os destroços danificaram prédios na cidade portuária, mas não deixaram vítimas.

A Ucrânia também atacou um terminal de petróleo e uma base militar em São Petersburgo. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, classifica a ação como justa após mísseis russos matarem 23 pessoas em Kiev no dia anterior.

Zelensky diz que as respostas militares colocam a Ucrânia em igualdade de condições. “Eles devem saber que, se usarem drones e mísseis contra nós, faremos o mesmo”, adverte o líder ucraniano.

Um ataque com drone a um ônibus que viajava entre Moscou e Crimeia deixou sete mortos. Já os bombardeios russos em território ucraniano deixaram pelo menos dez mortos. Em Kramatorsk, os ataques mataram três civis, e na região de Dnipropetrovsk outras sete pessoas ficaram feridas.

Um drone russo atingiu uma área industrial em Boryspil, nos arredores de Kiev. O serviço de emergência da Ucrânia confirma que uma pessoa ficou ferida e o aeroporto local segue fechado para voos civis. A Rússia anexou a península da Crimeia em 2014, antes da invasão em grande escala. O conflito atual já dura mais de quatro anos e os dois lados mantêm ataques diários sem sinal de recuo.

Os ataques ucranianos coincidem com o início do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo. O evento tenta atrair 20 mil participantes de 130 países, mas sofre com o boicote de nações ocidentais. O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte, avalia que a Rússia está desesperada. “Enquanto a Ucrânia continua resistindo, inovando e conquistando vitórias no campo de batalha, a Rússia está cada vez mais desesperada”, afirma Rutte.



Zelensky diz que as respostas colocam a Ucrânia em igualdade de condições



10 DE JUNHO NOS CINEMAS